

texturas⁰⁴

 Revista Literária da Oficina da Palavra • Dezembro • 2020



Letras temperadas

Contos • Crônicas • Poemas • Experimentos

REVISTA TEXTURAS

Oficina da Palavra Publicações

Projeto Gráfico e Diagramação:

Ítalo Mendonça

Edição e Revisão Geral:

Cyntia de Oliveira e Silva

Foto da capa:

Letras temperadas

por: Cyntia Silva

Contato:

Telefone: (48) 9 8481.0843

cyntia@ofpalavra.com.br

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.4 (dez. 2020) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2020. 66 f.: il

“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra (www.ofpalavra.com.br).

com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5.Arte.

Sumário:

4 *Cyntia Silva*

Apresentação

– CRÔNICAS & CONTOS

8 *Mariana Amorim*

O professor Solitário

10 *Jeana Lexau*

Lola, a Catadora

14 *Jéferson Dantas*

Disrupção

16 *Demétrio Panarotto*

A morte

20 *Roberto Granzotto*

Trilha de Ideias

24 *Cecília Cruz*

O caso do Seu Cosimo

26 *Katherine Funke*

Eu Disse Sim

28 *Luciano Rocha*

Primavera

32 *Marcus Paulo Pessôa da Silva*

O Velho Livreiro de Santiago

34 *Ana Sophia Sovernigo*

Conselho Materno

– POEMAS E FORMAS LIVRES

38 *Clara Cruz*

Poesia e Psicanálise

40 *Cláudio Cruz*

Ariadne

42 *Vergílio J. Padilha*

Confissões e Mister Clô

44 *Roberto Basilone Leite*

Língua e Concreto

46 *Dill Menezes*

Futuro

48 *Maria de Los Ángeles Gastambide*

Escreva-me

50 *Aline Maciel, Cyntia Silva,*

Dandara Manoela e Lucas Eastman

Norte e outros

58 *Beatriz Braga*

A Festa de Despedida

60 *Patrícia Galelli*

O Gato-Átomo

62

Créditos Finais



“Letras Temperadas 2”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2020.

Participam desta edição

*Na seção de **contos e crônicas** marcam presença: Ana Sophia, Cecília Cruz, Demétrio Panarotto, Jeana Lexau, Jéferson Dantas, Katherine Funke, Luciano Machado, Marcus Paulo Pessoa, Mariana Amorim e Roberto Granzotto.*

*Com **poemas e formas livres**, temos: Beatriz Braga, Clara Cruz, Cláudio Cruz, Dill Menezes, Maria Gastambide, Patrícia Galelli, Roberto Basilone, Vergílio Padilha. O grupo ComVersos participa com suas composições musicais: Aline Maciel, Cyntia Silva, Dandara Manoela e Lucas Eastman.*

*As **fotos** são de Ana Sophia, Caroline Garcia, Cyntia Silva, Deise F.A.S, Mariana Amorim, e Roberto Panarotto.*

*Os **desenhos e pinturas** são de Amanda Miyuki, Ana Vivian, Camila Hickenbick, Fábio Passos e René Gaertner.*

Conheça um pouco mais os(as) fotógrafos(as) e artistas plásticos(as) nos créditos finais.

Apresentação

A quarta edição de Texturas nasce nove meses após o início da quarentena. Em 2020, fomos atravessados pelos efeitos do Coronavírus. O tom outonal da edição de julho buscou evidenciar o sentido da morte, com a necessária desfolhagem e poda para o renascer da vida. Esperávamos chegar aqui carregados de cores e frutos da primavera que se encerra e estampamos essa esperança na capa: fruto, tempo, vida. Mas a morte segue nos acompanhando.

Não definimos um tema prévio para a publicação. Esperamos receber os textos para identificar suas conexões e costurá-los como unidade, definindo sequência e ilustrações. Não deu outra: os múltiplos efeitos da quarentenas e das mortes em nossas vidas continuam pulsando nas palavras desta edição.

Em outubro, eu soube que a OMS¹ passou a caracterizar a COVID-19 como Sindemia: neologismo que combina sinergia e pandemia. Esse termo foi cunhado para explicar uma situação em que “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma delas”². E isso ficou cada vez mais claro com o passar dos meses: as condições sócio-ambientais-econômicas-políticas, intensificadas pela vulnerabilidade da população precarizada por condições de extrema desigualdade social são fatores avassaladores dos efeitos desse vírus.

Alguns escritos e imagens deste número escancaram essas consequências pela lente literária. Expõem feridas abertas por onde entram a doença. Não só essa, como outras doenças. Em outros textos, desenhos e fotos, encontramos aconchego, alimento e momento de respiro para seguirmos adiante.

Seguindo a linha editorial, convidamos escritores iniciantes e experientes para compartilharem afetos por meio da literatura. Os textos e imagens dialogam entre si e suas temáticas:

morte - doença - destruição - perda - lixo - espasmo - intolerância - ilusão - ódio - parasita - (des)igualdade - escola - monólogo - solidão - identidade - fronteira - robô - psicanálise - mulher - anciã - labirinto - detalhe - fio - caminho - infância - fantasia - criação - imaginação - espera - paradoxo - porto - fluidez - rotina - reflexo - luta - destino - plano - procura - norte - concreto - língua - música - escrita- livro - despedida - choro - conversa - encontro - amor - nascimento - vida - Sol - esperança.

Ainda não será dessa vez que nos abraçaremos presencialmente. O sarau de lançamento será virtual e seguiremos com nossas conversas com autor@s, como fizemos em julho e agosto.

Os textos e imagens registram nossa época e ecoarão para além dessas páginas, além de nossos quintais, por outras vias e meios. Queremos a arte que traduza nossa humanidade sempre com “um olho no microscópio e outro no telescópio”, como defendia Eduardo Galeano.

Cynthia Silva

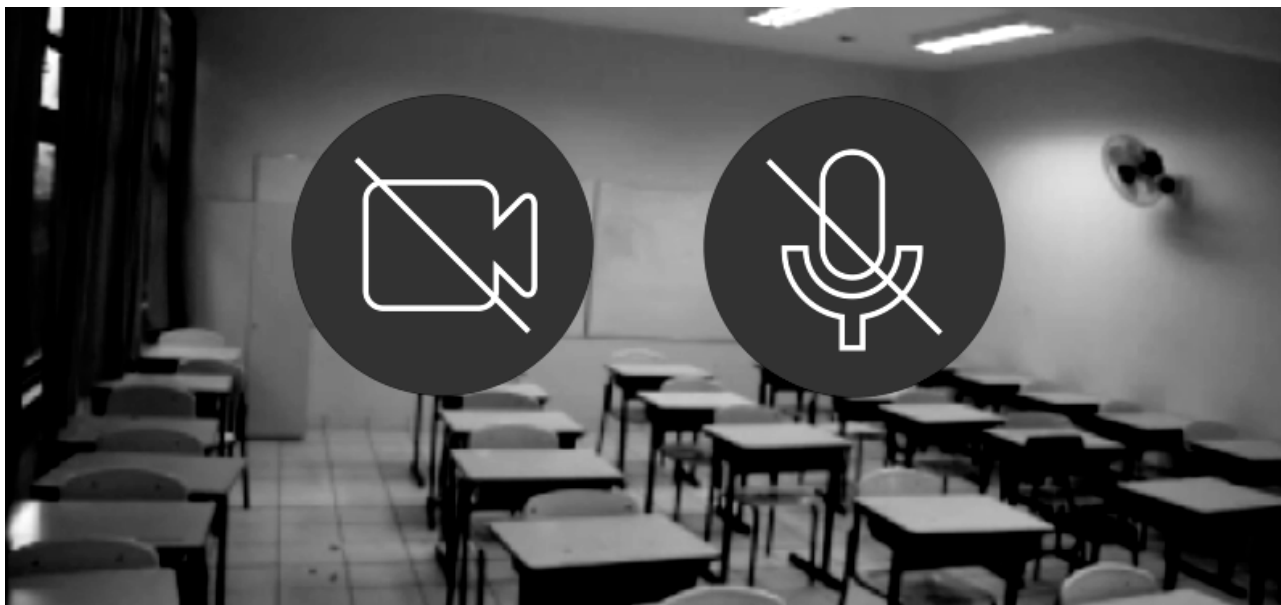
¹ OMS - Organização Mundial da Saúde.

² O termo *sindemia* foi cunhado pelo antropólogo médico estadunidense Merrill Singer na década de 1990. Fonte: <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>>, consultado em 4-11-2020.

Crônicas & Contos

Releitura do vazio da sala de aula

Foto por Mariana Amorim, Florianópolis/SC, 2016.



Mariana Amorim (1991 -) *De menina curiosa pelas letras e pela natureza, escolheu explorar esta primeiro e se formou professora de ciências. Mas a vontade de escrever seguiu pulsando e hoje escreve como forma de ouvir o coração, dela e das outras pessoas, e de, junto com a docência, sonhar e construir outros mundos.*

O professor solitário

“VOCÊS ESTÃO ME OUVINDO BEM?” Sem resposta.

Alguém no *chat* diz que sim. Um alguém, dentre os doze alguéms que ali estão. Estão?

Nenhuma câmera ligada, talvez por precariedade de conexão, talvez por constrangimento, talvez por ausência. Microfones mutados, conforme orientação da escola. Ainda bem que a coordenação não o obrigou a registrar presença porque ele nem sabe o que isso significaria. A sensação é de falar com as paredes, com a quarta e única parede que deveria colocá-lo em contato com seus e suas estudantes. Ali, firme e forte, ele sorri sem aguentar a dor nas cadeiras. Já não sabe diferenciar as suas da cadeira incômoda em que se senta. Não sabe se o ruído no fone de ouvido é falha técnica ou se vem de sua cabeça. De seu coração. De repente, sente falta da sala de aula cheia, dos quarenta rostos e corpos desatentos e desobedientes, de ter de disputar a vez da voz com eles. Sente falta até da solidão da sala dos professores cheia e dos não-ditos das reuniões pedagógicas e dos conselhos de classe. Lembra-se de como se sentia só na escola; embora rodeado por estudantes e colegas de trabalho, era invisível, ou visível apenas como objeto-que-tapa-um-buraco. E objetos não têm voz nem vez. O professor substituto agora materializa-se em um quadradinho que fala. “Vocês tão me ouvindo?” Ri-se da contradição. Achava que trabalhar em casa seria de alguma forma um respiro, mas só sente falta de ar. Desse jeito a voz nem sai. Quer, como tantas e tantos outros, gritar, em alto e bom som, que remoto não é ensino. Que não é de conteúdos que precisamos agora. Mas quem escutaria? “Alguém consegue me ouvir?” ☞



Ilustração de Ana Carolina Vivian. Aquarela e manipulação digital. Tangará/SC, 2020.

Lola, a catadora

Jeana Lexau (1970 -) Pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos, gaúcha de Santa Cruz do Sul/RS, jornalista, professora e escritora. É autora dos livros: *A estética da melancolia de Clarice Lispector* (EDUFSC, 2000); *O Colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal* (Ed. Insular, 2013); *À Beira*, em parceria com Jéferson Dantas (Insular, 2019). Vencedora do concurso de crônicas “Maura de Senna Pereira” com o livro *Crônicas da cidades partidas*, promovido pela Editora da UFSC em 2013.

O DIA COMEÇAVA NA GRANDE CIDADE como uma engrenagem ávida por consumir o tempo, desfazer as horas, acelerar os ponteiros do relógio para que todos pudessem chegar ao final dele sãos e salvos até o resguardo da casa ou o bar da esquina em momentos de *happy hour*. O ruído mecânico pouco a pouco aumentava: o ônibus, ao breicar, fazia um som agudo e estridente em seus freios; as portas de ferro das grandes lojas de departamento subiam eletronicamente, rangendo o metal enquanto se contorciam para cima; os motores dos carros ampliavam seus sons à medida que ocupavam as ruas do centro da cidade.

E foi no centro, na esquina da Rua Conselheiro Fernandez com a Joaquim Nabuco, que Lola desempenhava eficazmente seu trabalho diário. Vassoura em punho, removia o entulho acumulado na calçada. Fazia pequenos montes, recolhia-os com a ajuda de uma pá e depositava-os em seguida numa grande lixeira de plástico alaranjado identificada com o logotipo da Prefeitura. Ela própria tinha a indumentária toda na cor laranja com faixas fosforescentes, botas de borracha, chapéu grande para os dias de muito sol; capa de chuva para os dias pluviais, esses sempre os mais difíceis, posto que a água, quando vinha torrencial, desmanchava os montes e conduzia-os aos bueiros, ajudando a alagar a cidade.

Hoje não chovia, e a gari executava a tarefa de forma mecânica, deixando para o fim a triagem de uma montanha de jornais e revistas descartados pelas lojas, pelas firmas e pelos poucos apartamentos que ainda perduravam num centro raramente residencial. Terminado o trabalho maquínico, poderia enfim dirigir-se à montanha em celulose tal qual arqueólogo prestes a entrar num sítio arqueológico. Ela, a escavadora. Ia cavando por entre as sedimentações da rocha compacta até desenterrar o objeto precioso, analisá-lo, classificá-lo para que fosse, enfim, parar nas prateleiras do seu museu particular.

E foi com ávido regozijo que naquele dia encontrou a joia rara por entre os escombros de uma civilização. Não eram restos mortais, sambaquis, nem adereços ou objetos utilitários de gerações extintas. Por entre as ruínas do que a sociedade industrial descartava, interessava-se por revistas femininas de moda e comportamento e, dentre elas, uma em especial era como uma pérola no fundo do oceano: chamava-se *Vogue*. Para Lola, esse era o objeto mais precioso dentre os detritos que uma sociedade de consumo poderia produzir e depois descartar para que o novo se fizesse. E quando o novo se desfizesse para que a ilusão da novidade perdurasse, *Vogue*, na sua obsolescência e morte, seria resgatada por Lola para se tornar imortal nas prateleiras de uma coleção minuciosamente erigida.

E eis que naquele dia de sol e aragem fria, Lola encontrou mais uma edição. Jazia amassada por entre jornais e pastas velhas, mas ainda conservava os sinais vitais e o colorido performático da atriz de cinema de vestido vermelho de um estilista famoso, rodeada de toureiros de indumentárias em tons dourados. Os toureiros eram como um sol quente a circundar a atriz para aquecer o frio do inverno, diria talvez aquele professor especialista em *Vogue* que ela fora ouvir na Universidade, infiltrada e tímida por entre catedráticos. “Mas ela também era graduada no babado, ora essa!”, pensou consigo mesma.

Nascera Luiz Eduardo Peixoto e levava o nome tal qual inscrição funerária em lápide fria. Inadequada que estava, quando completou 17 anos, transcendeu os limites de um corpo que não a representava e se autodenominou Lola Sampaio. Expulsa de casa por uma família intolerante, viu no edital do concurso para gari da Prefeitura uma oportunidade para camuflar-se na androginia invisível da massa operária, formal ou informal, que habita as ruas das grandes cidades: trapeiros, ambulantes, camelôs, doleiros, tatuadores, caricaturistas, músicos de rua, malabaristas dos semáforos. Logrou passar no concurso e, desde então, especializou-se na árdua tarefa de remover a sujeira, classificar os detritos,

ocultar as coisas que em última instância já estavam mortas. Removia os pequenos cadáveres que a sociedade industrial descartava, toneladas deles todos os dias. Mas era da ressurreição do morto que ela tirava seu prazer. Era na forma como poderia intervir no destino daqueles objetos, abjetos, que extraía uma espécie de poder. Ela decidiria se o objeto teria uma sobrevida ou se seria extinto para sempre nos lixões desprezados que infestam alguns subúrbios. E se optasse pela sobrevida, teria que escolher se manteria a identidade original ou se teria que se despersonalizar em processos de reciclagem até ter uma nova forma, tal qual ela própria que descartara partes suas para se reinventar.

Porém quando encontrava a revista *Vogue* no meio das sedimentações do lixo, nunca tinha dúvida quanto ao destino que lhe daria. Quando enfim alguém a descartasse para dar lugar ao incessante novo do mercado editorial, então Lola estaria lá, ferramentas de arqueólogo em punho, para resgatá-la e arquivá-la em seu apartamento-museu.

Naquela manhã da grande descoberta, Lola abriu a revista e começou a folheá-la. As fotos eram magníficas, os cenários exuberantes, as modelos olímpicas, tudo era superlativo para um vocabulário que nem possuía para poder expressar. Mas ela sabia intuir e era sofisticada a seu modo. Sabia recriar os vestidos em laçarotes vermelhos de Oscar de la Renta. Ornava em si os penteados rebuscados dos editoriais de moda e tonalizava a face imitando os matizes luminosos de *Lâncome*. Se não chegaria jamais a comprar os produtos anunciados pela revista, consumiria as experiências que dela derivavam, as ilusões que provocava, os sentidos que aguçava, até enfim se tornar graduada. E de tanto especializar-se, quem sabe um dia, a eloquência do professor mencionasse Lola na palestra dos catedráticos e ela se convertesse na modelo da capa, fotografada não em sua indumentária laranja do trabalho, mas em um vestido vibrante de *Dior*, saindo do lixo pútrido e cinza, tal qual flor que subverte a lógica inorgânica das grandes cidades e desponta na fenda do asfalto. ☪



Disrupção

Jéferson Dantas (1973 -) Gaúcho de Bagé/RS, historiador, ensaísta, compositor e músico amador. Doutor em Educação pela UFSC. Professor no Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC. No universo literário, aventurou-se com duas novelas: *Suspenso e alheio ou as minhas reticências sinceras* e *Égab* (Ed. Insular, 2015), um livro de contos (edição própria, 2017) intitulado *Essa coisa sem nome* e o livro *À Beira* (Editora Insular), obra da também escritora e jornalista, Jeana Lexau, pseudônimo de Jeana Laura da Cunha Santos).

“O tempo que NÃO escorre pelos dedos”.

Ilustração de Fábio Abreu dos Passos, Instagram@PASSOSdaArt. Técnica grafite e lápis de cor. 2020.

A PROSAICA E INABALADA CIDADE-ILHA, inerte em seus espasmos e estertores cotidianos, vivia agora numa fronteira asséptica a partir de uma restrita elite local, precarizados, milícias e sobrantes maltrapilhos, emblema de um tempo de pandemia provocado por um vírus ainda sem cura em que a história e a memória social foram pervertidas, e a arte e a escolarização tornaram-se privilégios de alguns.

O extermínio sistemático daquela gente das periferias, fruto da mais elevada política pública de higienização social, era comemorado abertamente pelos perversos abrigados nos ministérios e cargos executivos, assim como pelas milícias, que se confundiam desbragadamente com policiais militares e civis; afinal, para as elites, tornava-se cada vez mais difícil caminhar pelas ruas e parques, sem tropeçar num mendigo ou numa criança maltrapilha e mal cheirosa; frequentar sem atrapalho os bons restaurantes e balneários badalados, com seus *beach clubs* mimetizados onde endinheirados queimavam notas de cem dólares e lavavam os pés com champanhe francês. Esses afortunados alheios à realidade concreta tinham plena certeza de que qualquer doença só podia ter sido trazida pelos pobres! Que morressem alguns milhares para que a produção e a acumulação mantivessem a segura marcha!

A performática grita dos pastores das igrejas neopentecostais para garantir a presença dos seus rebanhos perdiam força e aderência! Homens, mulheres e crianças, algumas de colo, fugiam em desespero de um inimigo invisível. Desconheciam protocolos científicos e até mesmo a expressão quarentena. Os pobres-diabos cercados por todos os lados, especialmente aqueles que habitavam as áreas mais elevadas dos morros, lembravam, com quase indolente resignação, de que os seus antepassados compraram aqueles diminutos lotes de terra com ágio das empresas de construção civil onde boa parte deles eram também trabalhadores explorados. Não havia paz para aquela gente!

Os veículos midiáticos regionais que sobraram se prestavam à narrativa dos feitos das milícias e da diminuição da pobreza (seria melhor dizer, da dizimação dos pobres), tratando a mercantilização da tragédia como um produto qualquer. Não era difícil reconhecer nos editoriais desses pasquins o mesmo desejo imanente das elites: a destruição inexaurível dos pobres e miseráveis! Aos poucos, os jornais impressos deixaram de existir devido ao seu 'elevado custo'; e também não havia mais jornalistas, mas apenas robôs que reproduziam notícias oficiosas do Estado miliciano. Aliás, a leitura era cada vez mais rara entre os ilhéus, e volta e meia romances, livros de ficção científica, poemas, contos e crônicas, eram queimados junto aos sobrantes na Praça dos Perdedores. Logo, declarar-se-ia que a quarentena não seria mais necessária na cidade-ilha. Aliás, não haveria mais ninguém ali para contar qualquer história! ☪



*A morte.
Foto de Roberto Panarotto,
Chapecó-SC, 2019.*

A morte

Demétrio Panarotto (1969 -) Nasceu em Chapecó-SC. É um músico, compositor, pesquisador, professor e literato brasileiro. Paralelamente a uma carreira musical com a Banda Repolho e projetos alternativos, louvados pela sua originalidade e irreverência, desenvolve atividades como acadêmico, palestrante e escritor. Publicou vários livros de poesia e prosa que lhe valeram o reconhecimento como um dos nomes de destaque da nova literatura do estado de Santa Catarina.

A MÃO DA MORTE segura o tornozelo do presidente.

O direito.

Aquilo que mantém o presidente respirando (artificialmente) é a mão do mercado.

Para quem ainda não entendeu: a mão do mercado e a mão da morte dividem o mesmo corpo.

Quando elas se encontrarem e provocarem um estalo, tão pequeno que nem será ouvido em meio à tormenta, o cadáver apenas sucumbirá diante de seu deslumbramento.

Um tombo.

Além disso, gostaria que todos, independentemente de suas paixões, olhassem para a cena (da mão da morte segurando o tornozelo do presidente): primeiro, como se fosse um plano aberto; depois, como uma sequência que está por vir, para que se tenha dimensão do estrago.

Peço que todos façam isso com aquele olhar de quem assiste a um filme de Hitchcock, em que

o cineasta, sem que os personagens percebam, mostra ao público, passo a passo, aquilo que está por acontecer. (Lembrem-se, por favor, de que, quando o personagem se dá conta, na maioria das vezes, não há mais tempo.)

Sei que esse meu querer, que parte de um simples plano aberto, não passa de um dos tantos que alimentam minha insônia nas últimas horas dias meses (talvez um pouco mais). Há uma centena de querereres à espreita, que seguirão rangendo em meus ouvidos.

Esse, o da mão da morte no tornozelo do presidente, é mais urgente.

Esse é muito mais urgente.

A insônia seguirá sendo companheira.

Primeiro, as urgências.

A mão segura firme

O presidente sabe sente esperneia e se agarra a um cordão de filhos da puta pra se manter ainda de pé, proferindo pandemônios.

[Em alguns filhos da puta ele segura firme no pescoço; é o caso do marreco, que nem reagir mais consegue.]

De onde se encontram as pessoas que se seguram no presidente (e que se seguram umas às outras, todas abraçadas numa comunhão dos infernos), não dá pra ver o estrago que nos aguarda, creio que seja impossível. (Se fosse apenas um filme, seria genial; a ficcionalidade do dia a dia parece em comunhão com os deuses do olimpo.)

O que nos aguarda é algo que, do lugar em que nos encontramos, nunca havíamos imaginado que tinha esse potencial de vida e morte. (Não precisa ser um gênio para perceber essa potência).

Reforço que não é nada parecido com aquilo que nos últimos anos os bocó da imprensa chamaram de crise (econômica social política).

Triste dizer que parte dos bocó ainda não conseguiu perceber o estrago, pois muitos seguem, como papagaios da colônia-do-deus-me-ajuda, comendo e ciscando na mão do presidente.

[Se houvesse uma música fornicando seus ouvidos, ao estilo Tubarão, o filme, a cena se transformaria num *blockbuster*; mas, no filme não há música, e a sonoplastia, ainda mais pungente, será de carne e osso.]

O rosto da morte, que ri enquanto segura o tornozelo do presidente, é simplesmente irônico, parece não precisar de outro artifício cênico. (Afinal, a ironia cai como uma deusa no colo dos medíocres; ah, no dos outros também).

A morte, a que nos aguarda, será de caçamba: no primeiro dia, o cidadão enterra os mortos; no

dia seguinte, é o corpo do cidadão que enterrava que será empurrado para as covas pela pá de retroscavadeiras.

Acho que nem um centavo a menos.

Mesmo torcendo para que tudo isso não passe de exagero da minha parte.

Para que todos estejam preparados, afinal, quando a doença mental do presidente — aquela que todos sabiam que ele tinha e que foi aliada de sua campanha para a presidência — sair de vez da fotografia oficial, vai ser um surto sem tamanho. Não obstante, acontecerá em concomitância com o surto do séquito de bezerros do ódio que o seguem.

Seremos, todos, causa e consequência.

Decerto, por ora, é que a mão o pegou de cheio, não há mais como o presidente se desfazer desse jogo íntimo com a morte.

Eles já dormem de conchinha.

O cheiro de um está grudado no cheiro do outro.

Não é necessário enfatizar que o presidente sempre esteve à procura desse momento.

É o conflito aquilo que o mantém, não a serenidade.

No detalhe, a morte vai, sem delongas, resolver todos os problemas que dele emergem, e admito que isso não resultará num furo de reportagem.

Antes disso, a batalha vai ser longa e sangrenta.

Contra a morte, sei que a obviedade aqui é um crime, ninguém pode.

Essa, por sua vez, já aparece no quadro.

Assim, o que está em jogo não é mais se o presidente morreu ou não. A questão é pensar como ainda não o enterraram.

A urgência, sobre a qual alertei no começo do texto, é para que possamos conter a quantidade elevada de inocentes que ele vai conseguir levar para o inferno da família buraco.

Parte desses é inocente por burrice mesmo.

[Da até dó de sentir pena.]

A mão da morte que segura o tornozelo do presidente já ganhou essa batalha.

Por favor, sejamos mais eficientes.

Afinal, chega de dizer por aí que o presidente é uma ameoba, um energúmeno, um qualquer-coisa. Para uma grande parte do eleitorado, as palavras já não fazem sentido algum.

Com um pouco de esperança nos olhos, acredito que, mesmo diante do trauma bem maior do que poderíamos imaginar, reste a certeza, para os que seguirem, de que o mundo será outro.

Espero que esse outro mundo não se pareça nem com a mão que segura o tornozelo do presidente, nem com o próprio presidente.

Pois aí teríamos a certeza, mesmo diante dos loucos que tentam escondê-la embaixo de umas camisetas e bandeirolas verde e amarelas, de que o diabo é (ou sempre foi) brasileiro.

[Ao fundo, depois de terminar o texto, sigo ouvindo os gritos emitidos em frente aos seus semelhantes (o espelho de cada um): eu ainda sou o presidente eu

ainda sou o presidente eu ainda sou o presidente eu ainda sou o presidente eu ainda sou o presidente eu ainda sou o presidente...] ❧



*"Ratos e Urubus larguem a
minha fantasia".*

Ilustração de Fábio Abreu dos
Passos. Instagram@PASSOS-
daArt. Técnica mista: lápis
grafite e pastel seco. 2020.

F. PASSOS
2020

Trilha de ideias

Roberto Granzotto (1994-) É jornalista, nascido em Florianópolis-SC, apaixonado por quadrinhos e contação de histórias. Algumas delas estão em seu blog *Electric-ladylandd.tumblr.com*

PAULO, entre recortes e realces feitos no *Photoshop*, sentia seu sangue esquentar. Estava no fim do expediente, que fora deveras caótico, quando viu no fundo do corredor a figura do diretor de arte aparecer. A partir desse momento, seu sangue não só esquentava: fervia.

Ele não conseguia definir a energia nebulosa que pairava naquela agência de publicidade, mas tentava.

- É como uma aura de morte. É o que eu sinto, uma sensação de morte, explicava para sua mulher.

Em todas as manhãs, o trajeto de carro até o seu trabalho era prazeroso. Passava voando. Paulo botava as músicas de que gostava e pensava nas coisas mais aleatórias possíveis. Contudo, todos os dias, aquele estado de espírito era bruscamente interrompido quando o sujeito adentrava a rua da agência. Ali, ele sempre sentia um frio na barriga, uma aceleração no coração e um nó na garganta. A visão da porta da agência era icônica, e evocava nele os sentimentos mais sórdidos.

Qualquer um, se soubesse disso, perguntaria o motivo de ele não sair daquele emprego. Mas o autoconhecimento não era o forte de Paulo, assim como não o é para grande parte das pessoas. Isso é comum. Ademais, era a maior remuneração que ele conseguira em sua vida, e a ideia de voltar a trabalhar como garçom não o confortava. Ele se envergonhava por trabalhar em um restaurante.

Ali, sentindo um forte frio na barriga, Paulo parou e

esperou a vinda do diretor de arte. Este, por sua vez, travou uma corriqueira conversa com a faxineira, agravando a espera ansiosa do designer.

Nesse momento, em alguma longínqua dimensão de sua mente, Paulo começara a cogitar que a fonte de tanto desconforto era a insegurança. Sim, o medo de não conseguir corresponder às tarefas de seu ofício. Essa era a primeira vez que ele conseguia codificar um pouco os seus sentimentos, mas sua atenção também estava voltada para a vinda de seu superior. Não havia espaço para maiores reflexões.

Acabada a conversa com a faxineira, o diretor de arte caminhava rapidamente na direção de Paulo. Cada passo do monstruoso homem atingia o ex-garçom, como estouros de frio na barriga. Veio junto a ele e disse, com muito desprezo:

- Cara, a mulher do Lanche Verde não gostou de novo do tom do verde. Ela até aceitou a fonte do slogan, mas também não ficou muito satisfeita não. Dá um jeito aí.

Paulo, no desespero de esconder seus sentimentos, respondeu com apenas uma palavra:

- Ok.

Afinal, desde quando eles tinham tanta intimidade para seu chefe falar assim? Se é para cometer grosserias, por que não romper o contrato?

O melhor momento do dia a dia de Paulo, obviamente, era nos fins de semana. Sobretudo ao meio-dia dos

sábados, quando saía da agência. Era quando ele sentia uma paz indescritível, conquanto, por vezes, interrompida pela lembrança da segunda-feira.

Foi num sábado, depois do almoço, que Paulo encontrou algo que mudaria seu jeito de ser. Ele estava tranquilo no sofá, depois de comer uma saborosa lasanha, a navegar pelas redes sociais. Sua respiração estava mais devagar, seu batimento cardíaco também. O sujeito provava da santa paz dos monges budistas. Isso, com certeza, influenciou na forma como ele reagiu a uma determinada postagem no *Facebook*.

Foi nesse estado de espírito que ele abriu uma postagem de uma página chamada “Ancap - Viva o Anarcocapitalismo”. Na imagem, um homem de braços abertos olhava para o céu, cercado de algumas árvores de um lindo pomar. A frase, cuja elegante fonte chamara a atenção dos seus olhos de designer, dizia assim: “Livre mercado, livres ESPÍRITOS!”. Já no texto da postagem, os ancapistas condenavam a quantidade de impostos que somos obrigados a pagar, defendiam a liberdade econômica e atacavam o autoritarismo do Estado.

Aquilo tudo pegou Paulo de jeito. Somado a isso, as músicas que ele colocara na TV, o pote de pudim no seu colo e a brisa que vinha da janela marcavam aquele momento. Ele logo abriu o perfil da página e se pôs a ler aquele discurso. Não percebeu a sua mulher que vinha lhe falar, nem sequer lembrava do design gráfico. À medida que lia aqueles textos, imaginava-se de braços abertos, em um pomar, na santa paz dos monges budistas.

Passaram-se meses, e, naturalmente, Paulo aprofundou seus estudos sobre o Anarcocapitalismo. Nos fóruns deste tema, ele fez amigos e conheceu materiais novos, os quais fortaleciam as suas convicções. O dia a dia em sua agência continuava angustiante, mas parecia afetar um pouco menos o designer. A aura em torno daquele lugar persistia, mas o designer parecia espiritualmente mais forte.

É interessante como a ideologia interfere no nosso

jeito de ser. Assim como uma eleição interfere em nossa ideologia. As eleições presidenciais chegavam, e Paulo, imerso em suas convicções sobre a liberdade econômica, começava a ver a esquerda como uma grande inimiga. Os comunistas, que pregam a abolição da iniciativa privada e o fim da economia de mercado, aborreciam-no profundamente.

Era nas redes sociais onde tudo acontecia. E era o medo do comunismo que mexia com o coração do designer. Foi um grupo virtual de uma universidade de seu município que direcionou o seu caminho ideológico. Aquilo era como um ringue das ideias, onde numerosas pessoas, entre elas muitos que nem estudavam naquela instituição, digladiavam. Ali se lhe esclareceu o cenário político brasileiro. Era preciso defender o mercado capitalista, mesmo que isso significasse relativizar certas atrocidades.

Os debates naquele grupo, assim como em muitos outros, eram acalorados e terminavam em ofensas. Mesmo que o partido esquerdista, que estava no poder há mais de duas décadas, não tivesse operado um golpe comunista, Paulo o receava. Nos debates, ele dizia com todas as letras que a esquerda estava gradativamente orquestrando um aparelhamento comunista. “A-PA-RE-LHA-MEN-TO”, dizia ele. Logo ele se viu ao lado da extrema-direita, justificando os atos da ditadura militar brasileira. Ele argumentava que esse era um contexto de guerra, e que os comunistas, em conjuntura semelhante, assassinaram muito mais gente pelo mundo.

Certo dia à noite, Paulo decidiu assistir televisão para arejar um pouco a mente. Estava fatigado após um dia cansativo de trabalho. Porém, o tempo diria que seu objetivo não seria alcançado. No canal que escolhera, um jornalista comentava sobre o anarcocapitalismo:

- Esse é um fenômeno extremamente curioso e deve ser estudado com atenção, afinal, o anarquismo sempre fora alinhado à esquerda. Os primeiros teóricos anarquistas eram movidos pelo sonho da igualdade social. A ideologia anarquista, em suma, ataca quaisquer tipos de autoritarismo. O que leva

então anarcocapitalistas a relativizar as atrocidades da ditadura militar brasileira?

Paulo, com rispidez, desligou a TV de imediato. Não era a primeira vez que se irritava com o jornalismo dos grandes veículos de comunicação. Começava a vê-los como “esquerdopatas”. Respirou fundo e, com as mãos trêmulas, trouxe a xícara de café até a boca. Fitou o teto, ao passo que tudo começava a fazer sentido em sua mente. Havia algum tipo de conspiração, e chegar a essa conclusão acabou serenando seu espírito. Enquanto sorvia o café, ponderava sobre as respostas que daria ao esquerdopata midiático. De fato, Paulo acreditava que a economia de mercado é a mais inclusiva, a mais humanitária, a mais libertária. E caso seja preciso guerrear para defendê-la, Paulo pegará em armas.

Com um pequeno, mas muito sincero sorriso, murmurou consigo:

- Tudo no seu tempo, esquerdopata, tudo no seu tempo...

Aquilo virou uma piração. O recém-nascido anarcocapitalista passava horas em sua guerra virtual ideológica, estressando-se, revoltando-se. E isso resultava em ódio. Não era saudável. Ele passou a odiar o discurso esquerdista. Não suportava mais a defesa das minorias, por exemplo, que ele denominava vitimismo. Ele via isso nos jornais, na TV, na internet, nas músicas e nos filmes. E a sua revolta aumentava diariamente.

Em outro dia, Paulo estava em mais um acalorado debate virtual, aparentemente “perdendo” a discussão. O adversário era um acadêmico da Economia, que o entortava através de argumentos concisos e vocabulário rebuscado. As ideias de Paulo sobre Economia eram a fonte de todo o seu recente trajeto ideológico, eram a sua convicção mais cristalizada. Portanto, Paulo estava fora de si, ciente de que muitas pessoas estava assistindo aquilo, entre elas comunistas risonhos. O designer batia no teclado, virava copos de cerveja, respirava de forma ofegante. Estava ensandecido naquele sábado, dia que era para ser de paz.

Foi com esse estado de espírito que Paulo recebeu uma mensagem de sua mulher. Ela dizia que ia sair com o Alex, seu cabeleireiro, um bonito e másculo negro homossexual. Paulo respirou fundo. Aquele sujeito era a típica origem do vitimismo que tanto o aborrecia. Alcoolizado, o designer logo passou a imaginar coisas fantasiosas nos mínimos detalhes. Conseguia ver os dois se beijando, escondidos, rindo dele. Conseguia ouvir a conversa que os levaria até a cama. Seu coração ardia e batia violentamente, suas mãos trêmulas mal conseguiam segurar o copo de cerveja.

Paulo não se conteve. Levantou bruscamente da mesa e correu em direção a seu quarto, onde estavam as chaves do seu carro. Seu coração doía e batia rápido, seu sangue fervia. Suas mãos tremiam tanto que ele mal conseguiu agarrar as chaves. De si para si, com uma voz trôpega, sofrida, difícil de ser emitida, sussurrou:

- Ah, eles vão ver. Porra, eles vão ver!

Naquele ponto, a violência de seus movimentos e gestos já não eram uma opção, ou uma demonstração: era inevitável. Bateu a porta de casa e desceu as escadas do prédio com muita dificuldade, pois suas pernas tremiam.

Correu de carro, por pouco sem se acidentar, até o bar onde estavam sua esposa e o cabeleireiro. Lá, em frente a todos, gritou com agonia:

- Vocês tão tirando com a minha cara, caralho?! Seus filha da puta!!!

Em seguida, Paulo avançou na dupla de amigos. Sua mulher, que o tentava afastar desesperadamente, foi a primeira a ser agredida, com um soco no rosto. Com ela fora de seu caminho, Paulo pegou uma garrafa de uma mesa e atacou o rapaz.

Assim acabou o seu casamento, e, quem sabe, as suas convicções políticas. ☪



*“Maracujá na colher” faz parte da série
“Frutas e Cores”, desenvolvida ao longo do
mês de outubro/2020, cujo objetivo é conectar
a arte com desdobramentos sociais.
Instagram: @amandamiykiart*

O Caso de Seu Cosimo

Cecília Cruz (1995) Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apresentava interesse pela literatura e escrita criativa desde pequena, mas começou a dedicar-se à criação literária após concluir o curso de Letras. Desde o ano passado, teve um poema selecionado para publicação no concurso Poesia Livre 2020, ganhou o 2º e 5º lugar do Concurso Poesia em Travessia do PET UFRGS e teve um poema publicado na Revista Fluxos. Publica alguns de seus textos em Instagram@letrasdececilia .

CASO PERGUNTASSEM a qualquer transeunte habitual da rua Lauro Linhares por uma farmácia, como ontem mesmo um menino um tanto engraçado me perguntou, é possível que lhe indicassem a farmácia de seu Cosimo, que aqui servirá de cenário para o texto. “Não tem erro!”, diriam, “É aquela entre o mercadinho e a papelaria”. Na primeira temporada desta pandemia que nos assola, a falta de álcool gel tornou-se uma realidade não apenas na Trindade, mas em toda Florianópolis.

Há alguns meses nosso negligenciado planeta, cansado da extorsão diária de seus abastecimentos naturais e destruição de ecossistemas perfeitamente equilibrados, ativou seu sistema imunológico visando livrar-se de seu mais enfadonho parasita.

As circunstâncias abalaram as voltas de uma terra plana cada vez mais torta para a direita e vimos políticos largados em um palco que nunca de fato lhes pertenceu, descobrindo à base da tentativa e erro que seu trabalho, para a mais pura de suas surpresas, consiste em garantir o bem-estar de suas nações, e em não vendê-las (como poderiam saber?). Ora, o fato é que seu Cosimo é habituado por demais à sua rotina pacata de

dono de farmácia, e agora está convicto de que sua vida tornou-se o epicentro de uma verdadeira piada cósmica. Presumo que a esta altura o leitor tenha ouvido falar da Dona Corona, senhora muito sociável, com grande gosto pelo turismo e temperaturas amenas, que nos últimos meses resolveu conhecer o mundo e fazer uma porção de novos e infelizes amigos. Mas veja bem, dizem por aí que a tal Corona carrega consigo, entre outros badulaques de senhorinha, uma doença que não é de todo letal, contudo o perigo está no fato de que não há remédio ou meios seguros que previnam a tal doença, que é especialmente perigosa para certos grupos de risco, sobretudo idosos.

Por isso seu Cosimo, do topo de seus 68 anos e asmático de nascença, tem absoluta certeza que a ofensiva dessa senhora é direcionada pessoalmente a ele. E embora saiba que teria lucrado muito mais com as vendas de antidepressivos e ansiolíticos caso ela chegasse ao Brasil um pouco mais cedo, também sabe que o destino é por vezes indulgente, e cancelar o carnaval seria abandonar o brasileiro à própria miséria política à qual vem se submetendo nos últimos anos. Seria talvez crueldade demais. ◀



Ancora.

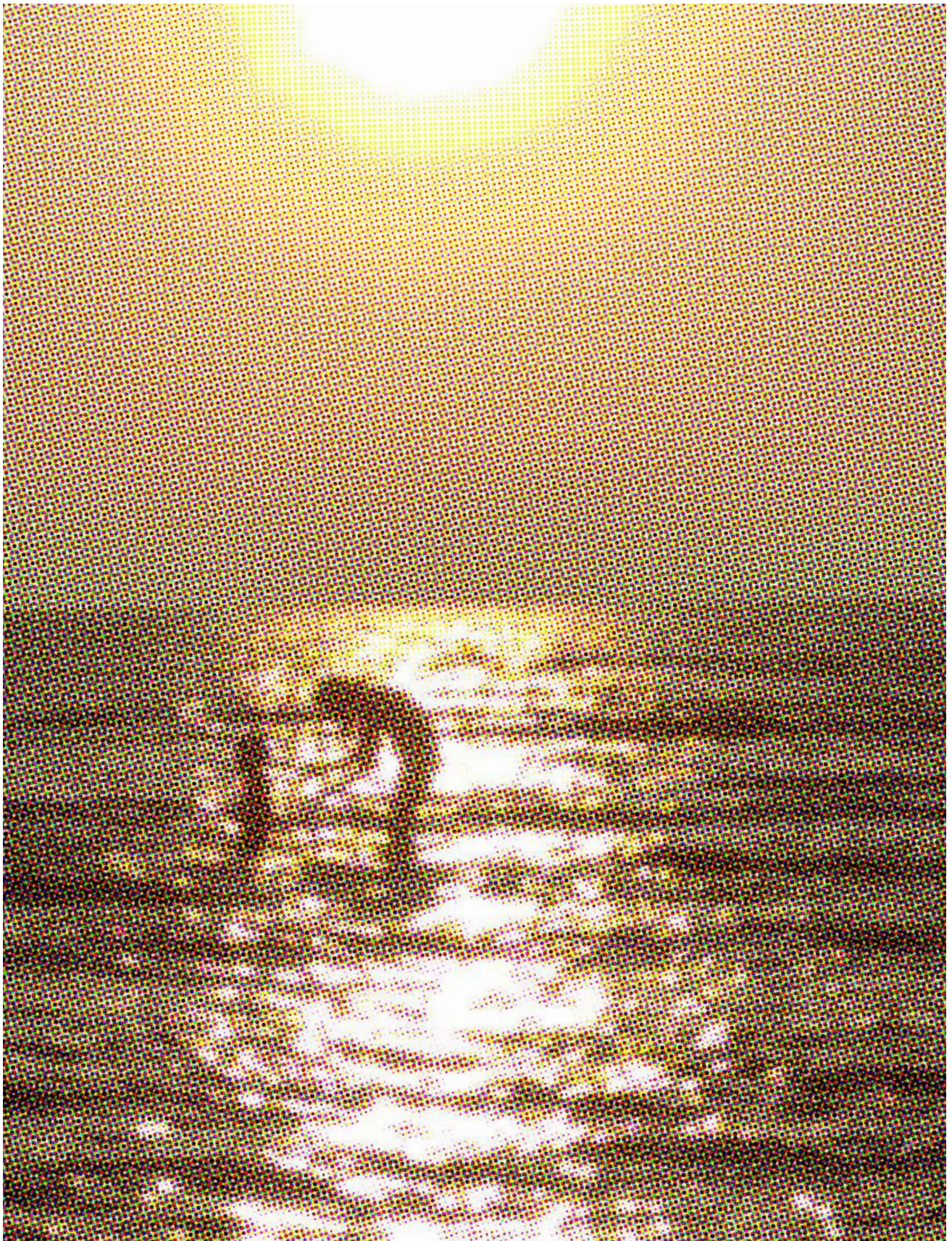
Foto de Cyntia Silva.

Florianópolis/SC, 2016.

Eu disse sim

Katherine Funke (1981-) Catarinense de Joinville, tem sete livros publicados, sendo o mais recente *Nunca fui anjo, nem princesa* (conto, 2019, Butecanis Editora Cabocla). Fundadora da Editora Micronotas, é mestra e doutoranda em Literatura pela UFSC. Durante a pandemia, colaborou por dez semanas com o jornal *Süddeutsche Zeitung*, da Alemanha, com uma coluna semanal no caderno de cultura, dedicado a receber diários da pandemia de seis países, com Sayara Murata, do Japão, Kristen Roupenian, dos Estados Unidos, Felwine Sarr, do Senegal, Khaled al-Khamissi, do Egito, Zukiswa Wanner, do Kênia, e V. Ramaswamy, da Índia.

ELE ME SEGUROU PELA camisa, não me deixou avançar. A próxima passada me levaria ao abismo, disse, e quando estiquei minha coluna para ver percebi que tinha razão. Fiquei irritada, mais do que com medo, e com raiva de todo mundo porque só eu, naquele grupo inteiro, tive o descuido de me expor àquele risco. Por que só comigo? Voltei pensando naquele teste que ainda não fiz, nem sei se vou fazer, talvez nunca faça. A possibilidade de estar contaminada é muito pequena, mas fiquei talvez na mesma posição diante do abismo antes que algo me segurasse, me detivesse antes de um passo único, definitivo. E agora, só de tangenciarmos a morte, já morremos ou ficamos meio mortos? De nos amarmos, já nos despedimos aos poucos, em cada beijo? De iniciarmos uma caminhada em um local perigoso e ficarmos a um passo do fim não significaria que já nos perdemos? Minha cabeça girava e meu companheiro de trilha soube, naquela hora, demonstrar a mais completa lealdade. Mostrou ali que era mesmo um amigo, o que até então eu não pude enxergar. O mesmo aconteceu depois, quando enfrentamos um rio terrível e só não morremos na travessia porque provavelmente não era nosso dia. E de tudo ele ria, do rio, do meu medo, de nós dois, das nossas vidas separadas, de nossos beijos. Ele me segurou pela camisa. Eu deixei. Deixei a vida se expor à morte, arrisquei o sim sobre o não. Eu disse sim. A cabeça girava: perigo, o abismo, um passo adiante e nada mais. Mas eu disse sim. Ofereci a minha camisa para suas mãos. E então, avançar. ◀



Primavera

Luciano Rocha (1982 -) nasceu em 1982 em Rio Verde-GO. Mora há 17 anos em Florianópolis. Graduado em Filosofia pela UFSC, está cursando Sistemas de Informação pela Estácio de Sá. Trabalha como desenvolvedor e no ensino da computação gráfica e desenvolvimento web desde 2004. Escreveu seu primeiro livro **O andarilho das dimensões** aos 17 anos. O trecho publicado aqui faz parte do seu quinto livro **Estações**, escrito em analogias e aforismos, dedicado ao seu filho Pedro.

ERA PRIMAVERA EM SUA VIDA quando o fantástico lhe arrebatou para fora, para uma vida onde jamais Pedro voltaria a ser quem era. Durante meses de instantes tudo se formara com uma espantosa lucidez. Todas as suas formas surgiram em *dejavus* preescritos. Era tudo tão inédito para Pedro... para a natureza, tudo tão antigo e comum. Naqueles momentos, o espanto se anunciava em realidade e, pela primeira vez, a nostalgia se apresentava a Pedro como uma eterna gratidão, fazendo com que cada instante que se transformava fosse uma sequência de fatos marcados. Porém, jamais deixava Pedro esquecer sua essência.

De repente uma luz o cegou e os sons lhe deixaram surdo... Em seguida, uma força descomunal lhe expulsou de seu mundo. E ainda que, por pura natureza, sabia que fazia parte de todo processo, ainda assim chorou, por nunca mais poder voltar.

Mas o som do seu choro puro não competiu com o caos em ruído que aflorava o júbilo daquele cômodo. Tudo era agressivo naquele lugar: o ar, o cheiro, os sons em caos... Pouco ele pôde ver no embaço das silhuetas desfocadas. Quando pouco se acostumou, veio a violência do golpe cortando o cordão que o mantinha preso a tudo o que existia para ele até então. Naquele momento, Pedro foi arremessado na maior de todas as solidões, o encontro do homem com ele mesmo.

Com suas pequenas mãos, ainda que pouco coordenadas, escalou o corpo da mãe deitada na cama de alívio e dor. Encontrando uma batida familiar, no peito se deitou, como se com os ouvidos pudesse tocar o coração. As peles nuas em contato era um porto seguro de um mundo que se revelava. Ali, se toda a violência do inédito lhe torturasse e o mundo viesse a sucumbir em milhões de sensações vazias e conflitantes, ainda assim restaria Pedro e sua mãe, e os pulsos de seus corações em uníssono.

Na proteção do seio materno, o mundo ao seu redor foi se revelando, enquanto aos poucos Pedro foi se transformando. E quando o mundo se desfazia em porções de significados, Pedro montava fragmentos para entender o mundo. Aos poucos percebeu que faltava nas palavras o significado das coisas. As palavras iam sendo aprendidas desconexas da realidade. Uma fenda aos poucos gerou um abismo enquanto Pedro olhava mudo o mundo onde as palavras pareciam não dizer nada.

Quando o abismo se abre ao ponto de não poder mais fechá-lo, é necessário criarmos pontes. Se as palavras eram rasas, a experiência lhe abriria o significado mais profundo das coisas. O mar não era mais aquele espaço de profundidade horizontal e vertical... O mar era seus pés em águas cheias de onda; era o cheiro da maresia e a boca e os olhos ardidados em sal. O mar era a experiência mais viva que Pedro havia tido até então... Pela primeira vez, Pedro sentiu que estava vivo e fazia parte do mundo.

Quando tinha poucos passos, a mão materna lhe guiou até as areias finas da praia e, frente ao mar, Pedro conheceu a grandeza que não se podia medir, mas se poderia comprovar. Sua vida jamais foi a mesma.

Sentiu uma mistura de amor e ódio por saber que nunca mais poderia desenhar o mundo em toda sua profundidade em um papel branco. Mas na repugnância e afastamento do mundo é que surgiu o espírito criativo... Negando o que existia, ele sentiu a necessidade da criação de tudo novamente... Era como um louco sobrevivendo, na verdade. Vendo a massa do Uno além das aparências.

Sentado na areia da praia, veio-lhe o universo em forma de graveto. Naquela posição ele pôde construir tudo que via, imaginava e queria. Primeiro o desenho representava direto sua percepção: uma casa grande ou pequena, de cinco ou seis janelas, tornava-se um triângulo sobre um retângulo, cortado por dois outros retângulos menores dispostos como porta e janelas. Naquele momento, jamais houve casas, senão que todas as casas do mundo eram representadas por aquela.

Mas as casas e os círculos fundidos, representando as copas das árvores, tornaram-se simples demais para dizer CASA e ÁRVORE. Aos poucos, as palavras sintetizam grandes coisas que não se podia desenhar e, também, abriam imensas portas que jamais se pôde fechar. Pedro e as palavras escritas se tornaram uma relação de conflito, na medida em que seu pensamento alcançava uma velocidade que as palavras não acompanhavam e as letras iam se perdendo conforme se escrevia... Era necessário respirar... E quando aprendeu a respirar, o fôlego da vida deu-lhe linhas em uma folha em branco por onde se orientou, enquanto, letra a letra, palavra a palavra, o mundo abstrato se construía.

A lucidez das palavras que representavam universos foi profanada ao se deparar com a pequenez de seu universo íntimo, onde as palavras, ainda que tivessem cheiro e sabor, não expressavam o amor, nem a dor que seu peito falava.

De repente, os traços riscados na praia mais feriam a areia do que diziam coisas sobre Pedro. Quando silenciava para escrever, nada falava... e, quando falava, era como se jamais tivesse ouvido. As palavras escritas estavam tortas e as palavras ditas se perdiam sem nexos. Sentia como se o mundo tivesse se revelado de maneira tal que seus olhos não haviam acompanhado, assim como todo homem, nesse mundo, que cresce aprendendo a ver e não a enxergar.

Através da orla, soube que havia problemas em que jamais o Universo iria interferir, pois, para o Universo neutro, o que para Pedro eram problemas, para ele eram fluxos de ações e reações justificadas. Cada porção de palmo fechado de areia jogada ao mar era um pedido em silêncio para que o mar invadisse um palmo aberto praia adentro.

A busca de solução de uma questão que somente a ti interfere é a procura mais solitária que existe. Porém, ainda que possa lhe ferir a solidão causada pela ciência, jamais o outro saberá quem és plenamente e, portanto, ninguém poderá te ajudar, nem mesmo o Universo poderá revelar belezas maiores a ti do que sorrir gargalhando como um louco ao encontrar o prazer da descoberta solitária.

Assim, Pedro sorriu quando descobriu que as palavras e as coisas jamais estiveram separadas, senão que deveriam inspirar coisas e expirar sentidos, tudo ao seu tempo de respiração. Junto ao sorriso, veio o júbilo inquieto do corpo que disparou em uma longa e rápida corrida na areia macia e fria de um nublado final do dia.

A primeira vez que os olhos maternos acompanharam Pedro se afastando até sua silhueta sumir, mesclando-se às outras formas em seu campo de vista, para ela foi como se os instantes levassem seu coração cheio e deixassem um coração vazio, que deveria ser preenchido por qualquer sensação de paz que sabia jamais chegaria. Até que, esguia, uma silhueta surgiu dizendo: mãe. E assim seu coração voltou a bater novamente ao vê-lo se aproximar. Pedro não soube o que dizer depois de um longo abraço.

Filho, ainda que com mil estiveres correndo, ainda assim sempre estarás correndo sozinho. Mas mesmo sabendo disso, sei que, quando o espinho me fere, é assim que sinto dor; mas se te fere, a dor em mim é mais forte porque não sinto.

Naquele momento, uma parte da primavera na vida de Pedro sucumbia ao peso da solidão do mundo.

(Trecho do livro Estações, Luciano Rocha) ☾



O velho livreiro de Santiago

Foto publicada em el El Desconcierto
<https://www.eldesconcierto.cl/tendencias/2016/09/16/requiem-para-un-libreiro-amigo-luis-rivano-1932-2016.html>

Marcus Paulo Pessôa da Silva (1991 -) *Catarinense, é servidor Técnico-Administrativo da UFSC e diretor do SINTUFSC. Corintiano, comunista e fã de Belchior. Escritor ocasional de causos do dia a dia. Esta crônica foi publicada, originalmente, em 4-10-2016.*

DEZEMBRO PASSADO, ao saber que eu estava a caminho de Santiago de Chile, onde passaria algumas semanas descansando em visita à minha família, o professor e amigo Nildo Ouriques me fez uma difícil encomenda: um punhado de livros raros, editados à década de 60, naquele país, sobre a Teoria Marxista da Dependência.

Aos que não sabem, após o golpe de 64, um grupo de brilhantes intelectuais, como Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini, entre outros, por lá buscou exílio, onde constituíram importante grupo de reflexão crítica sobre a realidade latino americana. Nove anos depois, em 1973, tiveram de buscar novo exílio, após o golpe dado por Augusto Pinochet.

Nildo me contou que seria difícil encontrar tais livros, mas que estivera, anos antes, em Santiago, onde fora levado a uma livraria perto do palácio de La Moneda, em que certamente os encontraria.

Além do local aproximado, que não me dizia muita coisa, dado que são centenas de livrarias próximas ao palácio, a única outra referência que eu possuía era que a livraria pertencia a um velho bom de papo, que possuía uma filha que havia sido militante do MIR chileno.

Orientado por populares, cheguei a uma rua no centro de Santiago completamente tomada por livrarias. Entrei numa ao acaso. Não me pareceu nada especial. Quando estava prestes a sair, desanimado por sequer ter sido atendido, fui chamado por um velho gordo, atrás do balcão. Tive, de início, dificuldade em compreender seu forte sotaque chileno.

Ele analisou com calma a minha lista. Disse que eu tivera sorte: “Somente eu vou ter esses livros que você procura!”, garantiu, com convicção. Solicitou que trouxessem os livros, e, enquanto isso, começamos a bater papo. Percebeu que eu sou brasileiro. Quis saber de qual parte do Brasil e o que eu fazia da vida. Quando obtive a resposta, achou curioso que, anos atrás, um professor, da mesma universidade em que eu disse que estudava, havia estado em sua livraria e pedido pelo mesmo tipo de livro. Foi-me surpreendente que, dentre todas as livrarias de Santiago, logo a primeira em que eu fui entrar era a que eu buscava; e que o velho se recordara do próprio Nildo.

Bom de papo, ruim de negócio. Pechinchar com ele foi um desafio. Mas valeu a trova: descobri que o sujeito era um famoso dramaturgo chileno!

Conversa vai, conversa vem, ganhei a sua confiança, e fui agraciado com o privilégio de conhecer parte do seu acervo: era um apartamento de 3 quartos, completamente tomado por livros. Segundo ele, havia mais 3 apartamentos como aquele, e outras 2 casas enormes. O mais surpreendente é que não havia nenhum banco de dados: o velho guardava de memória onde repousava cada livro.

Contou-me que havia convivido com Pablo Neruda, e que este era um poeta de quinta categoria. “Posso fazer uma lista enorme com poetas chilenos melhores que Neruda!” Falou também que, de música brasileira, o único que suportava ouvir era Roberto Carlos. Protestei! E garanti a ele que havia coisa muito melhor, prometendo um CD do Caetano e do Chico na minha próxima visita.

Infelizmente, ontem, ao recordar dessa história, descobri que “El Paco” Rivano faleceu há 20 dias, vítima de uma parada cardio-respiratória. Foi-se achando que Roberto Carlos é o maior cantor brasileiro, o que é uma pena.

Apesar de tê-lo visto poucas vezes (voltei a visitá-lo antes de retornar ao Brasil), foi o suficiente para trazer na memória boas conversas com esta querida personagem. Que descanse em paz! ☾



Janela de um motorhome, a caminho de casa, no início da pandemia.

Foto feita por Ana Sophia Sovernigo.

Florianópolis/SC, 2020.

Conselho materno

Ana Sophia Sovernigo (1999-) *É gaúcha, graduanda do curso de Jornalismo pela UFSC. Apesar do amor pelo jornalismo, retrata a realidade cristalizada no singular de cada fato e escreve crônicas sobre o que vê e sente. Para ela, “escrever é a arte de colocar no papel a nossa própria realidade e a realidade do mundo pelos nossos olhos”.*

TEM COISAS QUE ENTRAM POR UM OUVIDO e, ao invés de sair pelo outro, ficam cravadas na memória até nossos últimos dias. “Chora mais que faz bem pros pulmões”, com certeza, é de longe a frase que ouvi mais vezes de minha mãe, desde pequeninha. Esquisito, né? Na época não sabia que era conversa fiada e até me sentia menos pior por molhar os travesseiros, cobertores e ursos de pelúcia.

Pena que a gente cresce, né, mãe? A asma piorou e as dores da vida aumentaram. Chorar faz bem pra você, fisiologicamente? Não foi o que me disseram os médicos quando analisaram o meu raio-X. “Veja bem, doutor, meu pulmão está fraco porque ando muito feliz, quase não choro”. Vê se pode uma coisa dessas?

Você nasce, cresce, se aborrece e chora. Fica feliz e chora. Não sente coisa alguma e chora também. Sempre fui uma criança chorona e, depois da descoberta do grande guarda-chuva de problemas psiquiátricos, o choro passou a vir pronto; nem precisava mais de motivo para bater na porta.

Não vou mentir, tem dias que me sinto feliz sim. Em outros, completamente apática, alheia à realidade. São coisas do remédio, diz Ramiro, meu psiquiatra. É, pode até ser. Só sei que também existem dias ruins, dias muito ruins e dias impossíveis. De fato, são dias impossíveis. Não há mais motivos para continuar, não há mais esperança, não há nada. Só ele: aquele bolo na garganta que antecede o choro descontrolado.

Continuo seguindo seu conselho, mãe. Choro cada vez mais, porém meu pulmão está cada vez pior. O que faço? Acho que devo me aborrecer ainda mais, isso deve ajudar, certamente. ◀

Poemas &
formas livres



“Do mundo e da Terra”.
Ilustração de Fábio Abreu
dos Passos. Aquarela, 2020.
Instagram@PASSOSdaArt



Poesia & Psicanálise

SABE AQUELES SENTIMENTOS que preferimos deixar submersos em nossas profundezas?

A psicanálise e a poesia ensinam-nos o que fazer com eles, e conduzem-nos a um belo lugar: não ter medo de sentir, seja lá o que for.

Quando uma pessoa faz análise, aos poucos vai se desprendendo do medo que tem de admitir para si muitas coisas que sente.

E ao ler poesia, livra-se da necessidade de ler algo que faça sentido. Um poema não precisa “querer dizer algo”: se é bonito e nos ajuda a entrar em contato com nossos sentimentos, cumpre sua função.

Clara Cruz (1988 -) É natural de Porto Alegre-RS e reside em Florianópolis-SC. Começou a ler e escrever poesia ainda na infância, e a paixão pelas palavras permaneceu. Atua como psicóloga e psicanalista. Publicou seu livro de poemas *“Sereias Súbitas”* (Chiado Books, 2018), e atualmente divulga seus novos poemas na conta @psicanalista.claracruz (Instagram). www.claracruz.com.br

Trata-se de uma liberdade das formas e das palavras: um poema pode ter o tamanho que quiser (dez páginas ou uma linha); os versos não precisam ser simétricos ou em número fixo; não têm de rimar uns com os outros; não há necessidade de título; não há “certo” e “errado”. Há sentir.

Se o texto trazer belas cenas à nossa imaginação, e nos fizer sentir o mundo mais de perto, já temos o que precisamos. Poemas reavivam nosso estoque de imagens e emoções. São portas através das quais entramos na maravilha que é o instante.

A poesia e a psicanálise ajudam-nos a ser livres.

mulheria

Queridos psicanalistas,
sou uma de vocês e não acredito em histeria.

Não acredito em histeria
pois acredito em mulheria
ser histérica é ser mulher,
e de outro modo não seria.

Tanto tempo nos calaram
e taparam nossas bocas,
que ao darmos nosso grito,
prontamente ouvimos:
-Loucas!

Loucas somos com orgulho
Loucas loucas pra falar
tudo que tem pra ser dito
Loucas para esvaziar
este peito tão aflito!

Somos loucas pra vencer
Desespero pra viver
Crescer correr voar e morrer,
virar purpurina
morrer com a certeza de ter corrido
atrás dos sonhos daquela menina
que a gente carrega pra sempre por dentro.

Estou em constante
melhoria,
por isso este rótulo de
mulheria.

e se isso é ser histérica, meu bem,
me chame de Histeria!

salpêtrière

no princípio era a Grécia,
e não éramos nem cidadãs.

bem mais tarde era a França,
e ainda não éramos sãs.

trancavam-nos em manicômios
trancavam-nos em matrimônios

-o que, muitas vezes, dava no mesmo-
e despertavam nossos demônios.

(...depois nos culpavam por eles!)

e através de um estranho batismo
colocaram em nossas cabeças
a pesada coroa de espinhos
contida no nome histeria.

mas agora o século é novo
e eu vou honrar minhas anciãs
reverenciar-me por ser mulher
todos os dias todas
as manhãs ☪



“Retrato do pai jovem”.
Ilustração de Camila Hickenbick.
Instagram: @camilahick

Ariadne

Claudio Cruz. (1954 -) Escritor, professor e pesquisador. Doutor em Teoria Literária pela PUCRS e Pós-Doutor pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Publicou *Marcos IV,23* (teatro, 1988), *Literatura e cidade moderna* (ensaio, 1994), *Arrabaleros* (romance, 2006), *A ilha do tesouro e outros poemas* (poesia, 2009) e *Orfeu do Vinicius & Cia.* (ensaios, 2015).

ENTRO NA SALA e sigo pelo caminho atapetado.

Sento e espero que me anunciem ao senhor.

Prometo controlar o meu sotaque.

E agarro-me às cento e oitenta folhas

como a cento e oitenta bóias

para me manter na superfície.

Não posso afundar agora.

O senhor anunciado entra e pede que fale de meu livro.

Um dia li que um escritor precisa escrever e não falar.

Mas nem sempre os livros dizem a verdade.

Por isso lembrei de minha filha e pedi coragem a outro Senhor.

Será que minhas palavras seriam suficientemente modernas,
inteligentes, experimentais, doentes?

Estariam suficientemente distantes do banal que me afligia?

Teriam o charme do senhor que me atendia?

Teriam as minhas palavras o ar de quem conversa

despreocupadamente e tão natural e tão displicentemente

no uso mesmo de termos estranhos e estrangeiros?

Ao barulho das xícaras de café trazidas pela rapariga meio branca meio negra
me perguntei se as minhas palavras se escreviam para ela ou para ele.

Mas tão gentil ela se portou pousando a minha xícara na mesa

e ele tão gentil me ofereceu - açúcar ou adoçante? -

que num instante desejei profundamente que tudo fosse diferente.

Por que não poderiam as palavras servir o mesmo café pra mesma gente?

Fiquei tão tensa.

Tudo corria por demais fluente.

(Até ali tudo havia sido tão difícil).

Percorrer as galerias do meu tempo,

com as minhas cento e oitenta velas para o santo,

tudo em prol de me sentir mais: gente.

Nos dias seguintes tudo correu tão docemente,

e fomos discutindo meu tesouro,

pesando os prós e os contras antes que fosse

encaminhado para o andar de baixo onde seria,

se o senhor meu Deus quisesse, transformado em livro.

E assim eu me leria:

alguém que percorreu o labirinto e finalmente encontrou no centro o que queria. ◀



"Redes de Sol".

*Foto por Cyntia Silva,
em Florianópolis/SC, 2017*

Vergílio J. Padilha (1980 -) Nasceu em Caçador-SC, viveu em Lages-SC e vive, atualmente, em Florianópolis-SC. É cabeleireiro, escreve e cursa graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Confissões

Enquanto a chuva cai
Fico sentado à beira da janela
Observando, ao redor, tudo o que eu sinto

Meus sentidos foram arrancados
Minhas mãos, já não podem mais segurar a xícara de chá frio
Meus pés, já estão muito dormentes para que me levante

E mesmo assim...

Estou pronto para perambular
Estou pronto para ir a qualquer lugar
Estou pronto para desaparecer

Enquanto a chuva cai
Embaça a vidraça da janela
Deixo de observar as emoções que já não sinto

Já não consigo ver os verões despedaçados
Já não posso mais negar todo esse calafrio
Já não posso parar, devo seguir adiante

Enquanto a chuva cai
O sol brilha tímido pela janela
E eu... Já não mais sinto

Novos horizontes surgem por todos os lados
Meu corpo já não sente aquele frio
Com o astro rei todo radiante

Mister Clô

Mr. Cloroquina, já vi seu rosto anteriormente
No planalto batendo nossa carteira
Como uma ratazana que nos rouba incessantemente
Com seu veneno de naja sorrateira

Você não tem cultura
Você não tem sustância
Você não tem lisura
Você não tem relevância

Mr. Cloroquina, como você mente
Você detesta vidas inteiras
Você deseja a morte fortemente
Mortes aos montes e em fileiras

Você só tem loucura
Você só tem ganância
Você só tem ditadura
Você só tem arrogância

Mr. Cloroquina, está em nossos lares diariamente
Rondando, rondando, como grandes varejeiras
Cloroquina e Nitazoxanida nos diz incessantemente
Porém, só os tolos acreditam em suas asneiras ☹

Língua

Roberto Basilone Leite. (1963 -) É paulista de Sorocaba, onde se graduou em Direito. Doutor em Direito pela UFSC, é desembargador do trabalho em Florianópolis e conta com diversas publicações na área jurídica. É músico e compositor. Na escrita literária, tem produzido poemas e crônicas com alguns trabalhos premiados: o poema “**O Verso da Lei**” (primeiro lugar no Prêmio Nacional de Literatura da Associação dos Magistrados Brasileiros em parceria com a Academia Paulista de Letras - 2019); prêmio Anual Sorocaba de Literatura 2006, categoria “Conjunto da Obra”, concedido pela Secretaria da Cultura de Sorocaba/SP. É autor de músicas, algumas gravadas ou classificadas em Festivais de Música em várias regiões do Brasil. É membro da Academia de Letras do Brasil (Florianópolis): Cadeira nº 36 (Cadeira Ana Luisa de Azevedo Castro).

NÃO É, POR ACASO, a língua
senão a casa dos pais
pra onde se volta enfim
depois de correr mil cais,
depois de ficar à míngua,
de olhar de frente o canhim?
Ruim é o homem, sim,
sem a língua, sem verdade.
Quer seja em grego ou hebreu,
a língua traduz bondade,
se aloja dentro do peito,
faz o homem mais perfeito,
faz dele imagem de Deus.

Da língua deriva tudo,
o que há e a ilusão.
Dos ideais de Canudos
às armas e aos conteúdos;
a coisa e a abstração;
as dores do moribundo
profeta ébrio no bar;
de cada amante a promessa,
do soldado o juramento,
a vítima que confessa;
as coordenadas do mundo,
as tábuas do firmamento,
os equinócios do azar;

a árvore, a fruta, o pão,
a dor e o prazer; o par;
toda ideia, toda forma,
toda essência, toda norma.

Que é a língua senão
o fenômeno no qual
a fé se torna real,
e o efêmero, perene;
que gera o bem e o mal,
plasma a gênese da vida
o mapa do universo,
o pecado original;
que expõe, jocosos ou solene,
os porquês da despedida
e as razões que o suicida
tem pra querer esperar
até terminar seus versos
e seu adeus adiar
por tempo não definido?
Que é a língua senão
seu cenário colorido?

Deus, de bom, criou a língua.
E o diabo, meio à míngua,
deu a mentira, a patranha.

Quando esta faz campanha,
faz-se o silêncio, o segredo,
a expectativa de língua,
o nada, o breu, a sanha,
a hegemonia do medo.

Porém – que paradoxal,
até mesmo a compreensão
do nada provém da tal
danada – a língua. Sim,
sem ela, nem disso, enfim,
teríamos a noção:
da (in)existência do nada.
Na verdade, às vezes vem
um silêncio pensativo
que, por trás da voz calada,
tentando ver mais além,
em busca de um conjuntivo,
nos degraus do cadafalso,-
grita a língua por olhares,-
gestos, suspiros, flertares.
Que é o silêncio falso, que é,
pois, senão a língua? ☪

CONCRETO

roberto basilone leite

E, sem embargo do dúbio, o que há de
C O N C R E T O ? ? ?

Grandes
ões; a ar
ranha-c
rquiteta
senhada
escraviz
omo? Co
odulado
al- se as
l-) mas e
uns corp
falar à p
ssoa? Co
ando-me
Como pe
E que po
desrespei
erceber q
e corrom
corrompe
impor ba
à ideia di
s às expe
e impor li
Que devo
s sen- (sei
en- seis se
senti-lo; fa
Eis o

quietura de man
éus. Céus!!! A lingu
da projetada ensa
elaborada manipu
a a nós escravistas,
mo penetrar os int
s das pessoas, se as
al- se as al- se as a
stão escondidas de
os de CONCRETO?
essa, não à pesso
mo concretizá-la, c
nela? Como perce
rceber que o outro
r isso desrespeitar o
tar a mim mesmo?
ue o desrespeito ao
pe? Como perceber
e me reduz e me fa
rreiras à criação à
ferente à palavra à
riências. Que me fa
mites às figuras con
colocar no poema
s sen- seis sen- seis s
zê-lo sensível; transc

construç
ões e ar
agem a
iada de
lada nos
ó céus! C
eriores m
al- (se as
l- se as a
ntro de
?? Como
a da pe
oncretiz
ber-me?
sou eu?
outro é
Como p
outro m
que me
z infeliz
opinião
s image
z covard
cretas?
meus sei
en- seis s
n-) tidos;
endê-lo?

C O N C R E T O.



“Abraça-me”. Ilustração de Fábio Abreu dos Passos. Grafite e lápis de cor, 2020. Instagram@PASSOSdaArt

*F. Passos
03.07.20*

Futuro

Dill Menezes. (1988 -) Natural de Laguna/SC, atua como cantora, compositora e professora de canto em Florianópolis onde reside há 12 anos. **Futuro** é uma de suas composições e pode ser ouvida no Spotify.

<https://link.tospotify.com/bqLhvWgnIbb>

TANTAS VEZES que eu estanquei minhas mágoas,

tantas vezes tentei prever o que vinha pela frente mas futuro silencia, ecoa sem palavras respondia o sim e o não.

Percebi que não podia fazer nada, velha mania de tentar manter o controle, o que depende de mim às vezes é falho, as bagunças submergem e se escondem

Trajetória se alinha mais a liberdade não segura o que vê no horizonte, imagina na mão de um juízo que cega e não segura o leme do hoje

Não adianta procurar, trajetória se alinha não tem como escapar, verdades que doem vontade de apagar mas não tem desvio pro que eu quero alcançar

Me pega na mão, me carrega destino, caminhar pelo bem não é fácil, quantas vezes perdi o juízo, tô pelo difícil, ando sob o risco.

Sem pressa me perco em qual a minha conclusão quase arrisco perder de entender com a razão, atropelo pensamentos sem enxergar o porque, em casa enredo perco a leveza sem perceber.

Luta não cessa me perco em saber quem ouvir, acreditar sem ver me testa cadê meu controle, o desafio de decidir não é decidir é sustentar a coragem e encarar o que reflete no hoje.

Pessoas e seus destinos, planejamento se realinha, conclusão do presente a cada tropeço sem esquivo, caminho domino, a vivência fala mais que um livro, não se trata do que eu consigo mas se eu consigo capacidade não é coragem dor revela pra quem não é nocivo. ☪



Maria de los Ángeles Gastambide.

(1990) Cantora, compositora, locutora e educadora musical. Da Argentina para o mundo. Instagram: @angiegastambide

“Enredado”.

*Foto por Cyntia Silva.
Florianópolis-SC, 2016.*

Escreva-me

ESCREVA-ME.

Quando estiver sentindo-se sozinho,
quando ao apagar a luz do quarto a escuridão pareça que vai te consumir,
escreva-me.

Quando bater a saudade do que fomos e tudo pareça ruir, quando a intensidade do sentir transbordar,
escreva-me.

Quando aquela música o fizer lembrar de mim, ou daquele lugar onde consumamos nossas promessas,
escreva-me.

Quando o chão pareça sumir dos seus pés e o equilíbrio pareça não existir,
escreva-me.

Quando um novo alguém abrir feridas e pensares em nós,
escreva-me.

Quando pareça que mais ninguém te doará amor e você duvidar de si,
escreva-me.

Quando o desconhecido abocanhe sua coragem e o medo prevaleça sobre você,
escreva-me.

Quando tudo for tão denso que parece impossível seguir em frente,
escreva-me...

Pois você encontrará em mim um lugar seguro. ◀

Com Versos

É um grupo vocal de Florianópolis/SC, formado em 2019 a partir das aulas de canto com a artista Dandara Manoela. Os poemas aqui publicados foram criados coletivamente e transformados em composições musicais.

Aline Maciel. (1983) Nasceu em Porto Alegre e vive em Florianópolis há 26 anos. É mediadora de leitura, formadora, contadora de histórias, escritora e musicista. Mestre e Bacharel em Letras Inglês e Literaturas pela UFSC. Desenvolve seu trabalho na Cia Mafagafos com projetos e atividades nas áreas de contação de histórias, música, literatura e livros. Instagram@alinemacielandando

Cyntia Silva. (1966) Brasileira que vive em Florianópolis/DF há 21 anos. Escreve para organizar cérebro e coração; fotografa para registrar a poesia que enxerga pelo caminho; canta para desopilar. É Professora de Língua Portuguesa e editora da Revista Texturas.

Dandara Manoela. (1992) É cantora e compositora. Sua pluralidade musical representa um símbolo de resistência das manifestações culturais afro-brasileiras e de afirmação da mulher negra e lésbica no campo artístico. Vencedora dos prêmios catarinenses de melhor cantora (2017) e melhor álbum (2018), Dandara Manoela transita pelo samba e pela MPB, trazendo à tona lutas e afetos subjetivos que encontram espaço na multidão. Instagram@dandaramanoela

Lucas Eastman. (1990) Nascido em Florianópolis, é roteirista e formado em Design pela UFSC. Fez parte da sala de roteiristas da série de animação Boris e Rufus, da Belli Studio e de outras séries aprovadas no edital de desenvolvimento do Prêmio Catarinense de Cinema em 2019 e 2020. Na infância, integrou o coral infantil da Escola da Ilha no Projeto Canta Floripa, sob a regência do professor Jackson Cardoso, durante 6 anos. Instagram@eastmanwriter14

Norte

Perco o passo, sigo em frente
Meu compasso é diferente
Minha solidão me acompanha
E me faz companhia
Danço em sintonia, sem medo da nostalgia

Do passado, o aprendizado
pro futuro, o horizonte
Meu andar, meio de lado,
Carangueijo, avisto um norte

Chego ao destino, só para recomeçar
Onde quer que esteja, carrego meu lar
Volto ao passo, ao caminhar
Um a um sem me apressar

E perco a pressa, perco o rumo
Me perco de mim, sem prumo
“A arte de perder não é nenhum mistério”
Nada sério

Há quem diga que o caminho é o mais importante
Mas a escolha do destino é sempre instigante
Inspiro, expiro e deus!
Jogo fora a bússola
O caminho é todo meu

E perco a pressa, perco o rumo
Me perco de mim, sem prumo
“A arte de perder não é nenhum mistério”
Nada sério

Foto de Caroline Pacheco Garcia.
Cafezal/PR, 2019.



Reflexo

A vida é um espelho cheio de incertezas
Em cada esquina um vento novo
bagunça meu cabelo.

Em cada corpo um sopro, um fio, um vão
Em cada lembrança, um afago ou, um beliscão.
E o reflexo insiste em me acompanhar

Às vezes embaçado
Às vezes cristalino
A vida é um espelho onde me ilumino
Mas onde às vezes meu reflexo me olha torto
Onde às vezes me sinto meio morto meio opaco

A vida é um reflexo cheio de surpresas
Onde o azar está em fechar os olhos
E ignorar meu próprio olhar.

A vida é um reflexo cheio de certezas
Onde a sorte está em abrir os olhos
E encarar meu próprio olhar.

Foto de Caroline Pacheco Garcia.
Cabo Apolônio/Uruguai, 2019.



Rotina

Já acordei cansado feito tantas vezes
Insisti, pulei da rede
Despertar é uma chance
Caféina na veia, adrenalina nas pernas
Quem disse que estar vivo é estar desperto
Meio sonolento vou deixando a
vida ditar
o ritmo

Abro a janela e o Sol invade minha rotina
E minha retina cintila
Acordei cansado mas o Sol ainda brilha
E essa noite só chegará se permiti-la

Pra facilitar eu vou cantar
Talvez assim descubra como despertar
Queima minha pele, Sol.



Foto de Caroline Pacheco Garcia.

Buenos Aires/Argentina, 2019.

Sinestésicos

Momentos

Deixa fluir, sem racionalizar
Vida me leva pro meu lugar
E tenho eu um só lugar
Tenho casa em cada olhar

Deixa fluir, se a chama apagar
No espaço destes versos
De olhos bem abertos
Me espalho pelo universo
Te espalho pelo universo

Deixa sentir, sem muito esperar
Sem expectativas, realizar
E posso eu me transmutar
Em cada corpo em cada esquina

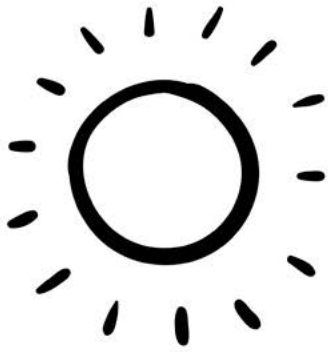
Vem, amor, me ilumina
Tua luz me aquece
Num toque de magia
Sinestésicos momentos

Vem, amor, se ilumina
Minha luz te aquece
Num toque de alegria
Sinestésicos momentos ☪



Foto de Caroline Pacheco Garcia.

Buenos Aires/Argentina, 2019.



adeus, corona!



Ilustração de
Beatriz Braga

A festa de despedida

Beatriz Braga. (1989) É jornalista, empresária e analista de marketing. Escrever é a coisa que mais gosta de fazer desde os seus sete anos. Na pandemia, criou o Instagram @escrevoco-moamo para sentir o mundo mais de perto.

VAI TER ABRAÇO APERTADO que diz “eu te amo”.

Vai ter a *playlist* “até nunca mais, Coronga”.

Drinks feitos a quatro mãos e provados a várias bocas.

Em vez de você falar sobre tudo que perdeu, vai entender o que ganhou.

Você vai lembrar de março, quando o tempo ainda era a rotina, o vírus era turista e você comprou um tapete de yoga.

Quando uma receita de pão tornou a vida menos dolorosa e o *zoom* matou a saudade do vizinho.

Vai pensar em abril, quando entendeu que o tempo é a nuvem que mal se move observada da janela, mas bastou mandar um *email*, atender ao telefone, e sete meses se passaram.

Vai lembrar que foi em setembro que você viu que não estava bem e decidiu tomar o grande risco calculado: um abraço e um sorriso sem máscara de alguém amado.

Na festa de despedida, lamentaremos os que partiram e a nossa entrada oficial nos livros de história, mas brindaremos à derrocada de Trump.

Vai ter Caetano a várias vozes.”Tudo fica mais bonito quando você está por perto.” e, de fato, tudo fica mais bonito quando se está perto.

Você vai ouvir alguém dizer “que bom que acabou” e pensar que não é verdade. Afinal, o mundo continua torto, mas não sabe se foi o *drink* ou Caetano que te fez sorrir otimista.

Nem um, nem outro, é que pelo menos o abraço voltou a ser remédio sem efeito colateral.

Você vai dançar e pensar que faz tempo que não dança com vontade. Enquanto se move, vai olhar para seus amigos e sentir que os olhares, assim como o abraço, traduzem as palavras do coração.

Pele com pele, a gente entende que toda tempestade é o anúncio de um céu azul.

Só conhecemos a felicidade, porque sabemos da tristeza. A constatação da vida é a ciência da morte.

E agora, quem sabe, cuidaremos do futuro porque estamos presos no presente.

Rua cheia, gente suada, mão com mão, ombro no ombro e sorrisos descobertos. Sem receio e com demora. Quem canta, agora, é Gal, na festa de despedida do corona: “não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa”.

Você vai concordar. Mesmo que não sempre, mesmo que não todo dia, ela é boa. Ela é boa no sonho diante da nuvem porque, quando vê, passou, é carnaval, mesmo que não em fevereiro, mesmo que não amanhã.

Quando for a hora, há de ter uma multidão a cantar Belchior, anunciando o ano que viveremos, mesmo que, para isso, tenhamos todos morrido um pouquinho no passado. ¶

O Gato-Átomo

Patrícia Galelli. (1988 -) - É escritora e artista. Nasceu em Concórdia/SC. É Mestre em Artes Visuais. O trecho aqui publicado faz parte do livro **Gato-Átomo**, da Editora Nave/Selo Nave-Nina. Quando criança teve uma gata preta chamada Mima e adorava inventar muitos amigos imaginados, a maioria bichos travessos e engraçados. Publicou, também, os livros **Carne Falsa** (Editora da Casa, 2013), **Cabeça de José** (Editora Nave, 2014), **Gávea** (selo Formas Breves/e-galáxia, 2014) e o livro de artista **Um bicho que** (Miríade Edições).

O Gato-átomo estava comigo em todo lugar:
na hora de dormir,
na hora de voltar da escola,
quando a vó me chamava pra comer pipoca.

Quando meu pai me erguia no ar
e eu abria os braços
como as asas do avião,
o Gato-átomo ria da minha cara e dizia:

- *Ei, menina maluca, você acha que criança voa?*

E o gato repetia:

- *Ei, menina, você acha que seu pai é aeroporto?*

E eu, lá do alto, fui logo respondendo:

- *Gato-átomo, deixe de ser tão debochado,
meu pai nem enxerga você.*

*Está gastando piada pra nada
e rindo sozinho sem graça.*

Mas eu acabava rindo com ele. ◀



Ilustração de René Gaertner.

2020. Técnica mista.

Instagram@renegaertner



Colaboram com ilustrações nesta edição:

Fotografias

Caroline Pacheco Garcia. (1985 -) Natural de Florianópolis/SC, é engenheira florestal e fotógrafa nas horas vagas. Ama capturar a beleza das formas e das manifestações da vida. Instagram@photo.carolineg

Cyntia de Oliveira e Silva. (1966 -)
Brasiliense que vive em Florianópolis/DF há 21 anos. Escreve para organizar cérebro e coração; fotografa para registrar a poesia que enxerga pelo caminho; canta para desopilar. É Professora de Língua Portuguesa e editora da Revista Texturas.

Deise Flaviana Andrade dos Santos. (1985 -) Mãe, feminista, de esquerda. Atualmente é estudante de Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Univali. Apaixonada pela família e pela arte, sempre que pode, faz clics de momentos, que para ela, parecem poesia.

Roberto Panarotto. (1972) Graduado em Letras e pós-graduado em Estética e Arte, e Tecnologia. É co-fundador da banda Repolho (1991) e também da dupla Irmãos Panarotto (2000). É sócio proprietário do Estúdio Alice (de design) desde 2007 e professor na Unochapecó desde 2006, nos cursos de Audiovisual e Publicidade e Propaganda. Como diretor de cinema, produziu 7 vídeos e 3 média metragens. Tem na fotografia um passatempo. Instagram@panarotto

Artes plásticas

Amanda Miyuki. (1994 -) Artista e professora de pintura. Com foco na linha de pintura *Alla Prima*, auxilia seus alunos na representação do mundo físico utilizando a tinta a óleo como principal ferramenta. É apaixonada por cores e pela beleza presente na simplicidade do cotidiano. Para conhecer os projetos, acesse o perfil da artista no instagram:

@amandamiykiart

Ana Carolina Vivian. (1987 -). É graduada em Estilismo/Moda na UDESC (2009). Artista plástica, atualmente trabalha com ilustrações em aquarela. Conheça seu trabalho em www.anavivian.com.br

Camila Hickenbick. (1996 -) É licenciada em Letras-Inglês (UFSC). Escreve desde antes de escrever e desenha desde que se entende por gente (há um ano). Iniciou o desenho com o pretexto de ilustrar suas histórias, mas acabou se apaixonando por artes visuais. Acredita que qualquer forma de contar histórias é válida. Instagram@camilahick

Fábio Abreu dos Passos. (1976 -) Nascido no Rio de Janeiro, criado no interior de Minas Gerais e piauiense por opção. Graduado pela UFSJ, Mestre e Doutor em Filosofia pela UFMG e Pós-Doutorando em Artes Visuais pela UFPB. É professor de Filosofia da UFPI. Faz de suas pesquisas em Filosofia Política a mola propulsora na construção de seus projetos de artes visuais. Desenvolve seus trabalhos artísticos influenciado por temas políticos e da corporeidade humana não hegemônica.

www.fabiopassos.com

René Gaertner. (1987 -) Artista e pesquisadora, ilustrou Gato-Átomo (livro de Patrícia Galelli). Nasceu em Cachoeira do Sul/RS, onde passou a infância com seus cadernos de desenho, o quintal da sua vó e seu primeiro gato de estimação: Prepretus. Vive em Portugal.

Instagram@renegaertner



Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação para vestibulares e concursos, para o texto acadêmico ou profissional, para a escrita literária ou, simplesmente, para o prazer de escrever.

Nossa proposta

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra oferecemos cursos de escrita com algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.



“Letras Temperadas 3”.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2020.



Contatos:

cynthia@ofpalavra.com.br

(48) 9 8481.0843

[instagram@oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook@ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

[*www.ofpalavra.com.br*](http://www.ofpalavra.com.br)



OFICINA
da Palavra
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR